ANO 6.º — Sexta-feira, 13 de Fevereiro de 1914 — NUMERO 309

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$20
Semestre	$60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 centavos

Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A solução

Como tudo fazia prevêr e aqui antecipadamente consignámos, não se passou de simples consultas entre o Chefe do Estado e os representantes de vários partidos politicos após a queda do gabinete Afonso Costa.

Para a constituição do novo govêrno, porém, estava no espirito de todos que tal taréfa sería sómente confiada e satisfeita pela pessoa do dr. Bernardino Machado, que da nossa embaixada no Brazil se dirigia a Portugal.

E assim, convidado ao desempenho dessa missão, defrontado embora, com todos os embaraços e dificuldades que naturalmente surgiam por todos os lados, levando em linha de conta não só a irredutibilidade dos partidos mas ainda a manifesta e decidida má vontade das oposições, o dr. Bernardino Machado, integrando-se na gravidade do momento e colocando com extraordinária compreensão, acima de tudo, os altos interesses da Patria e o bom nome do regimen, esmagando e vencendo uma a uma as naturaes dificuldades da situação e aquelas que a paixão céga dos homens creavam, não se deixou vencer conseguindo, finalmente, constituir o gabinete que na ultima terça-feira se apresentou nas duas casas do parlamento.

Malogradas as suas primeiras tentativas na organisação dum ministério cujos membros fossem quanto possivel afastados das responsabilidades directas nas lutas politicas, como era o desejo do nobre presidente da Republica, o dr. Bernardino Machado procurou nova formula buscando então nela englobar cidadãos que não devessem esperar dos diversos partidos a feroz hostilidade e a impiedosa guerra em que tanto se tem distinguido determinados grupos.

Não era cértamente um ministério traduzindo, ainda que debil e vagamente, uma concentração, mas acentuadamente de harmonia e conciliação.

Mais uma vez teve esta tentativa de ser posta de parte tal foi a irritação que das oposições conjungadas sobreveio ao serem conhecidos os novos esforços do ilustre diplomata, que não desaminando, antes compreendendo cada vez mais o seu dever patriotico, terceira e definitiva tentativa encetou, desfazendo-se contra ela todos os esforços dos grupos que desesperadamente se empenhavam para um novo *fracasso* e a seguir o abandono do encargo confiado ao eminente democrata.

Desfeitos todos os meios empregados para tal fim, deante da inabalavel decisão do atual presidente do conselho, ele consegue por ultimo reunir os elementos indispensaveis para a constituição do gabinete que, não saindo na sua totalidade da maioria do Congresso, como natural e constitucionalmente estava indicado, contudo esforçar-se-ha para, conforme a declaração que noutro logar publicâmos, apaziguar perigosas paixões, não hostilisando nenhum dos dois lados da câmara, trazendo á discussão várias leis, conforme os desejos de alguns chefes oposicionistas manifestadas ao govêrno do sr. Afonso Costa, e ainda uma amnistia para os crimes politicos, uma das aspirações tantas vezes manifestada pelo venerando Chefe do Estado e apoiada finalmente por todos os representantes da câmara alguns dos quaes divergiam apenas na oportunidade da aplicação de tal medida.

Pois apesar de tão formaes declarações, não esquecendo aquela em que o ilustre chefe do govêrno cobre com a sua palavra de que manterá a maior neutralidade e liberdade no acto eleitoral, as oposições, sistematica e calculadamente, recebem, senão desabrida e ferozmente, o novo govêrno, pelo menos com a declaração mais formal da falta de confiança que ele lhe inspira, prometendo em troca a mais decidida, ainda que leal—observam os declarantes—oposição.

Mas esta atitude é naturalmente imposta pela defêsa da Constituição, das regalias populares ofendidas, da necessidade de precaução contra a nobre e austera figura que preside ao atual gabinete?

Não. Essa atitude é ainda a agitação, é a furia ainda que mais débil, do choque de todos esses ruins sentimentos e desmedidas ambições desencadeadas na vida do ultimo govêrno.

Quando se chega a afirmar que a obra do govêrno de Afonso Costa foi uma traição á patria; quando se diz, sem pejo, que o equilibrio das finanças foi á custa do agravamento da miseria publica; quando se cospe sobre toda a vida ministerial do partido republicano as maiores calunias tentando num esforço de chacaes manchar a honra, o talento e o patriotismo dos que têm dado á Republica o maior patrimonio de trabalho, dedicação e justiça, por mais que pareça extraordinario e revoltante tudo quanto venha ainda a desenrolar-se, não nos admira nem surpreende.

O que comtudo se mostra, como luminoso facho em noite escura, é a absoluta e geral condenação do país inteiro a toda essa inutil quão perigosa luta de odios, rancôres e egoismo entre os que a si arrogaram previlegios que ninguem, devidamente autorisado, lhes concedeu.

Todos os bons portuguêses tem neste momento os olhos postos no homem, que, apesar das dificuldades propositadas e das ciladas urdidas, deu um grande exemplo de amor e de alto interesse pela sua Patria e pelo regimen, conseguindo, dentro duma serenidade que desarmou, afinal, os mesquinhos e os intriguistas, constituir o govêrno que tão necessàrio era ao bom nome das instituições.

A nação que pensa, paga e trabalha, com a unica ambição do engrandecimento do país moldado ainda que dentro de acanhadas fronteiras, está, sem duvida, em espirito, neste momento, ao lado do nobre estadista que tão alevantado exemplo de patriotismo e dedicação acaba de dar. Está em espirito—dizemos—até que esteja toda em corpo para ajudal-o, se tanto fôr preciso, a escorraçar os que, esquecendo os seus altos deveres e sagrados compromissos, só se lembram de animar e manter miseraveis paixões de que só resulta o desprestigio para o bom nome de Portugal republicano.

Transcrições

Por iniciativa dum grupo de republicanos publicou o nosso coléga de Ponta Delgada, *O Reporter*, um suplemento em que se reproduz toda a materia do nosso jornal sobre a interpelação Freitas dizendo-nos um amigo que esse suplemento não só foi profusamente espalhado por todo o arquipelago como ávidamente lido e apreciado.

Agradecemos a honra que com isso nos déram os republicanos de Ponta Delgada.

= Tambem o nosso coléga, *Tribuna Livre*, transcreveu dos nossas colunas o artigo—*A quéda do ministério*—o que nos apraz registar com muito reconhecimento.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Soma e segue

A *Soberania do Povo*, que em Agueda se publíca bi-semanalmente, dando conta no seu numero de 4 do corrente das missas que fôram mandadas rezar por ocasião do aniversário da morte de D. Carlos e seu filho, escreve:

«Em Lisboa e no Porto fôram concorridissimas as missas que na segunda-feira se rezaram por alma de El-Rei D. Carlos e de seu filho o Principe Real D. Luiz Pilipe.

O nosso director, sr. Conde de Agueda, achando-se no Porto, assistiu a uma das missas rezadas com aquela intenção e, nesse dia de tão amargas recordações para o coração do Senhor D. Manuel II, apresentou os seus respeitosos cumprimentos a El-Rei a quem telegrafou.»

Vê-se por aqui que o sr. Conde de Agueda está cada vez mais atacado da brotoeja monarquica, visto que não perde um unico ensejo de significar publicamente os seus sentimentos realistas.

Faz muito bem. Mas o peor é que já pessoa alguma o póde tomar a sério. O sr. Conde de Agueda hade lembrar-se que uma semana depois de ter sido proclamada a Republica convocou para esta cidade uma reunião dos principaes elementos do partido progressista do distrito de Aveiro aos quaes mostrou, segundo a nota publicada pelos seus jornaes, *quanto era patriotico e necessário, para bem da nação, a adesão de todos os portuguêses á Republica*. Recorda-se? Ora desde que assim pensava e acreditando nós piamente no que veio publicado no seu orgão, o *Progresso de Aveiro*, quando diz que *S. Ex.ª constatou a maneira digna como procederam os revolucionários, congratulando-se com o procedimento desse punhado de heroes que déram e arriscaram a vida pelo seu ideial e pelas prosperidades da Patria*, como se entende que sr. Conde de Agueda agora seja outra coisa diferente do que com toda a *lealdade* e *franquêsa*, declarou ser após o triunfo da revolução? De duas uma: ou o director da *Soberania* não é aquele homem de palavra que em todas as conjunturas a sustenta, ou então falta-lhe por compléto as convicções e nesse caso hade ser eternamente um intrujão, á mercê de todas as conveniencias.

E a esses arranca-se-lhe a mascara.

CRISE POLITICA

A constituição do novo ministério

Está, finalmente, resolvida a crise a que deu logar a demissão do gabinête Afonso Costa, pela ascensão ao poder doutro presidido pelo eminente republicano sr. dr. Bernardino Machado, recentemente chegado dos E. U. do Brazil onde, como embaixador de Portugal, prestou muitos e importantes serviços á Patria e á Republica.

No primeiro artigo dêste jornal fica mais ou menos detalhada a maneira como se conseguiu formar um ministério com a presidencia do eminente cidadão e por isso nos limitâmos, nêste momento, só á publicação dos nomes daquêles que hoje se acham á frente da administração pública, como ministros de Estado, decerto animados das melhores intenções de serem uteis ao seu país, e da declaração ministerial lida por ocasião de darem ingresso nas duas casas do parlamento, na ultima terça-feira.

Eis, pois, como ficou constituido o novo ministério:

Presidencia, Interior e, provisoriamente, **Estrangeiros—Dr. Bernardino Machado.**

Justiça—Dr. Manuel Monteiro, deputado e vogal do Supremo Tribunal Administrativo.

Finanças—Tomaz Cabreira, senador, major de infanteria com o curso de engenharia civil e lente de química da Universidade de Lisboa.

Guerra—Pereira de Eça, general de artilharia e director do Arsenal do Exercito.

Fomento—Dr. Aquiles Gonçalves, deputado e vogal da Junta de Crédito Público.

Marinha—Augusto Neuparth, capitão de fragata, engenheiro hidrografo e chefe da 3.ª repartição do ministério da marinha.

Colonias—Lisboa de Lima, chefe da 3.ª repartição do ministério das colonias.

Instrução—Dr. Sobral Cid, professor da faculdade de medicina da Universidade de Lisboa.

A declaração lida pelo chefe do govêrno

Sr. presidente.—As eleições suplementares ultimamente realisadas determinaram uma mudança profunda na representação parlamentar. Passou a Câmara dos Deputados a ter uma forte maioria da esquerda democratica, conservando-se as direitas conjugadas com o mesmo predominio na Câmara dos senadores. Daí, sob um ministério partidario, o provavel desacôrdo e antagonismo dos dois ramos do poder legislativo. Em bréve se chegou mesmo ao conflito entre êles. E o govêrno reconheceu tanto a gravidade da situação, que, no proposito de a tornar menos tensa, propôs ao Congresso o adiamento das suas sessões. Se o pleito para a renovação dos deputados houvésse sido geral, a maioria saída das urnas certamente moderaria a oposição dos senadores, que tinham de render-se á vontade soberana do sufragio. Mas, havendo sido apenas parciaes as eleições, era bem natural, que cada uma das Câmaras se considerasse representante genuina da opinião e com direito, portanto, a governar. Dado o conflito, e não existindo na nossa lei constitucional a prorogativa da dissolução, só um recurso restava para o derimir: o patriotismo de todos. Para êle apelou, cheio de esperança, o venerando ancião que o proprio Congresso investiu na suprema magistratura da Republica. E, como o gabinête, em presença das dificuldades governativas que se levantaram, se apressasse, com isenção patriotica, a apresentar a sua exoneração, deixando o campo aberto á normalisação da vida parlamentar, o chefe do Estado dignou-se incumbir-me para isso da organisação de um ministério. O seu programa de onde deriva a sua composição, estava naturalmente indicada. A virtude das instituições mede-se pelo seu poder de solidarisação. Viviamos nos ultimos tempos da monarquia em irredutivel luta das classes dirigentes entre si e de todas élas contra a Nação. A Republica proclamou-se para o congraçamento da familia portuguêsa. Tal é o alto escopo do actual ministério, que, fiel aos sagrados principios da liberdade politica, economica e religiosa, que são o nosso brazão, só nêles se inspirará, sem nenhum sectarismo, não tomando por tema da sua acção senão aquilo em que nêste lance politico todos os republicanos estão acordes. Temos, felizmente, já andado muito nêstes tres bréves anos e meio incompletos e tudo era na verdade necessario para repararmos o atrazo criminoso a que nos condenára o retrogrado regimen deposto. Assim, demonstrámos de modo irrefutavel, sem contestação possivel perante o mundo, que só no vicio dêsse regimen estava o mal da nossa sociedade essencialmente progressiva.

Mas é agora ocasião de verificármos se, em meio da gloriosa faina republicana, em que o ministério transacto têve inolvidavel parte pela extinção do *deficit* financeiro, um outro atrito, através das nossas generosas lutas, se não criou á nossa intima solidariedade social, que urja desvanecer de pronto, precisamente para aligeirarmos a nossa marcha regeneradora. E' o que pretendemos fazer, animados do mesmo sentimento caroavel de pacificação e de clemencia que inspirou nobremente a revolução, para sempre abençoada, de 5 de outubro. Traremos imediatamente ao parlamento um projecto de ampla amnistia aos delictos politicos e sociais, com indulgencia por todos os delinquentes já suficientemente castigados, até pela reprovação geral do país e com a mais humana piedade pelos infelizes que tanta vez a adversidade e a miseria perturbam e desvairam. Ha, a um tempo, reclamações tradicionalistas e reclamações avançadas a que nos cumpre prestar ouvido a tempo. Nêsse intuito, solicitaremos das câmaras legislativas duas providencias: a revisão da lei da Separação das Igrejas do Estado, por fórma a garantir-se, quando ainda fôr preciso, não só a supremacia do poder civil, especialmente na educação da mocidade, mas tambem os direitos inviolaveis das crenças religiosas e das igrejas que a mesma lei têve igualmente por fim libertar; e a reforma do estatuto das associações de classe, desembaraçando-as da exigencia opressiva da autorisação prévia bem como de todo o entrave que se oponha ao fortalecimento moral do operariado pela discussão e propaganda das suas legitimas aspirações. Não podemos esquecer, mesmo quando tenhâmos de conter as suas exaltações, que foi sobretudo para lhe assistir e proteger desveladamente, fazendo-lhe sentir o nosso amor, que revindicámos a Republica. Escusado é acrescentar que a nossa benevolencia para com todos não excluirá nunca a nossa firmeza, mas; para assegurarmos a ordem pública entre nós, contamos mais que tudo com o apaziguamento das paixões, o que se conseguirá eficazmente sendo os dirigentes os primeiros a darem o seu alto exemplo educativo. Eis, sr. presidente, os lineamentos do programa que submetemos ao *veredictum* do parlamento. Como v. ex.ª vê, só uma politica faremos, de acôrdo com os desejos do sr. presidente da Republica: a da confraternisação nacional. Para a fazer, se o parlamento nos honrar tambem com o seu apoio, estamos prontos a ocupar este posto até ás eleições gerais, a que presidiremos com o mais leal escrupulo para com todos os partidos. E confiamos que a nossa vida constitucional regressará então á sua perfeita normalidade.

DE LUTO

Por falecimento de seu pae, o sr. Francisco de Sampaio Alegre, encontra-se de luto o deputado por este circulo, sr. dr. Manuel Alegre, a quem enviâmos o nosso cartão de condolencias.

O triste desenlace deu-se na terça-feira, contando o velho ancião 78 anos de edade.

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

Continuando

Meu amigo

Tencionava hoje tratar de um assunto, e para isso fui á minha pobre estante consultar uma obra onde pretendia esclarecer uma duvida.

O acaso trouxe-me á vista outra, na qual, abrindo-a, deparei com o que vou reproduzir e que o seu autor—Vitor Hugo—o génio imortal da França, põe na bôca do Pápa —o *Pápa*—como esse gigante da literatura e da elevação de uma crença pretendia que fosse.

Nessas brilhantissimas palavras está a condenação de toda essa comedia infame que para aí se arrasta com a falsa e revoltante chancela de religião.

Fala o Pápa de Roma que abandonou toda a sua opulencia incompativel com a sua missão ao Patriarca do Oriente—supremo dirigente da religião ortodoxa ou catolica, apostolica, grega:

Entristece-me a dôr universal e a tua alegria. Patriarca: ha muitos que sofrem no mundo, e rodeia-te um luxo odioso. Começa por atirar fóra a corôa. A corôa estorva a auréola. E' preciso escolher entre o ouro da terra e a deslumbrante claridade do céo. Sabe, alegre pastor, que os povos estremecem; acham que o céo marca as horas em que hade soar o repique dos berços que anunciam os recemnascidos. Cuida desses inocentes e não os convertas em condenados. Teme o mal que cintila e que tu mesmo animas como as tuas vaidades e as tuas concupiscencias. Não sejâmos sacerdotes que produzam estragos. Não imitemos os reis que se roubam uns aos outros. As riquezas que possues tomastel-as tu aos pobres. Quando o oiro cresce no teu saco, mingúa Deus no teu coração. Ha no mundo quem careça de pão e quem morra de frio.

Os teus roquetes, as tuas casulas, semeadas de inumeros topázios; a tua capa pluvial, em que se reflete o dourado do Oriente são espétros que só vivem durante a noute, que surpreendem Jesus no presépio que escolheu para berço e que o matam.

E' mister que saibas que ha mulheres que se entregam á prostituição, porque teem que ceder e render-se, porque hão de viver, porque o rico tem vicios e o pobre tem fome. De que te serve amontoar em brazonados gavetões veludos, damascos e sedas, ter barretes de ouro e capas de aspérges, que parecem semeadas de espelhos?

Pobres, cujos soluços ouço; todos esses tesouros, que são sagrados na vossa morada, e injustos na nossa, esse diamante que resplandece na mitra, esses resplendores sombrios de pedraria brotam do vosso sangue, do leite dos peitos exaustos, do pranto dos pequeninos nús, da vossa quéda em abismos desconhecidos.

O fausto desse sacerdote representa o que haveis perdido, pobres; a vida inocente, o aluguer da casa, o lume da lareira, a dignidade do coração, que se não vérga, o trabalho que aumenta porque o salario diminue, a vossa alegria, a honra das vossas mulheres e a tua vergonha, sacerdote!

Devolve esses tesouros aos po-

bres; para eles são carbunculos, e para nós imundicies.

Emquanto lá em cima o Eterno, sem fadiga e sem termo, distribue a luz e mantem os sóes em ingnição para que tudo marche e viva e para provar que Ele existe; emquanto nessa sombra, em que corre o metéoro, nos olha com as suas pupilas—a Aurora; emquanto põe ao mundo cimentos taes que nada se comove no seu firmamento azul quando se desatam os formidaveis ventos; emquanto faz rolar mais astros nos espaços, mais relampagos, mais vozes, mais ruidos, mais fogos, mais prodigios nublados ou serenos sobre areaes, sobre os montes e sobre os bosques, que o homem póde nunca sonhar; emquanto que Ele, esse ser inconcebivel; emquanto que Ele, o que não compra nem vende; Ele, o Senhor do raio, está vivo, nós, sacerdotes, vestidos com roupagens, mais carregados de joias que as mulheres publicas, voltâmos para os falsos bens os nossos olhos obliquos, oferecemos e mostrâmos á multidão absorta, sob a purpura dum docel, e entre as dobras duma camalha um pequenino Deus côr de rosa e com os olhos de esmalte. Um Jesus de papelão! Um Eterno de cêra! Passeiam-no, cantam-no, entoam-lhe salmos, fazem-no brilhar, mas caminhando pausadamente com receio de que um encontrão, sacudindo o altar, faça o Altissimo em pedaços!

Cada templo tem um santo que usofrue e divinisa, e emquanto a massa humana expira, emquanto o odio ruge nos corações endurecidos pela injustiça, emquanto a fome, com espantosos dentes, devora a oficina, o sotão, a choupana, nós estadiamos entre maravilhosos efeitos de luz uns quantos manequins, no fundo dum edificio, bordados, calçados e rodeados douro por todos os lados.

Temos San Joões e Santas Marias que carregâmos de cousas que luzam! Arruinamos Golconda para vestir o nada, emqzanto o vicio se converte em gigante, e o lupanar, esse espantoso presidio de virgens, se abre.

Repito-vos: acendei todos os vossos cirios, dae volta ao tempo na mais ordenada formação; nem por isso impedireis que isto seja repulsivo.

Emquanto isto sucede, porque é preciso comer, e o vosso luxo se apoderou do seu pão, um anjo, uma alma pura entrará na escuridão da noite. Por vestir de brocado o reluzente idolo, as pombas do céo converter-se-hão em aves noturnas, e mulheres de carne e osso, verdadeiras mulheres honradas, flores de amor e lirios de castidade, adornarão com o seu pudôr, com a sua desnudez e com todas as virtudes mortas e dissipadas a vossa pompa imbecil. Ouvis? Compreendeis o que vos digo? Falo-vos em voz alta. Deus falou noutro tempo deste modo aos que se extraviavam.

Quando nós, sacerdotes, nos inclinamos sobre o altar, não é para sermos demonios. Irmãos—amemos! Sejamos fraternaes! Sacerdotes, levae a cruz de madeira na mão e o saial cingido ao corpo; levantai a fronte ante os reis; em vós não cabe outra humilhação, senão a das almas ante Deus.

Porque são os reis a roda e vós o eixo? Porque está o povo debaixo dos vossos pés? Para que haveis de fazer rolar sobre ele a móle que o esmague?... Sabei que as vossas grandezas são caídas; sabei que o lugubre zumbido dos pecados, ah! vendilhões do templo!—é o que vos dá a opulencia, e que Jesus, com o lado aberto pelo ferro da lança, foge cobrindo o rosto com as mãos, para não vêr o povo faminto sob o poder do sacerdote aborrecido. Cristo desapareceu com repugnancia de vêr esse espetaculo; fugiu porque, para Ele, os diamantes que brilham sobre as roupagens sacerdotaes, têm os mesmos fulgores que os olhos dos chacaes.

Aspero habito, santo andrajo pontifical, constitue todo o meu explendor! Sob este trajo sinto que volta a entrar em mim a alma, que o manto de purpura fez saír. Volto á vida.

O sacerdote está bem vestido com a mortalha; com ela se converte em honra, em exemplo, em virtude, em servidor do que sofre e em juiz do que impéra; apesar de ser debil, é preciso que o temam os tiranos e aos fracos sempre lhe dá Deus e fortaleza.

O seu grosseiro habito deve procurar a todas as horas e em todas as horas os lutos, os males os flagelos e os desastres.

Que, quando o sacuda caiam das suas prégas, como estrelas, o verdadeiro, o bom, o belo e o grande.

Sacerdotes, as vossas riquezas são mal adquiridas; não sois malvados mas endurecestes-vos. Tambem eu arrastava esse montão de podridão, de perolas, douro, de safiras e de rubis!

Tinha-os por toda a parte, sobre tudo nas minhas vestiduras e larguei-os todos no lar dos pobres.

Oh! Mas se a religião fosse toda a limpidez da verdade que essas palavras traduzem sería ela a continuação integral da do verdadeiro Cristo!

Não haveriam Pápas sentados em cadeiras douro massiço; cardeaes reluzentes; arcebispos e bispos dispondo do céo; os aristocratas não se confundiriam com os purpurados, festejando o seu regresso ao *aprisco*, beijando-lhe as mãos, recebendo-lhe as bençãos e erguendo-lhe vivas e á santa religião, como em Lisboa nessa farçada do regresso dum dos mais dedicados servidores da seita negra—o patriarca!

S. J. M.

Escada Magyrus

Adquirida pela antiga companhia humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Aveiro, chegou no sábado preterito a esta cidade, vinda da Alemanha, uma nova escada com que acaba de aumentar o seu material de incendios, escada que, no genero Magyrus, é o que ha de melhor e mais aprefeiçoado.

De construção solida, elegante e de facil transporte, a escada tem ainda a recomendal-a a extraordinaria altura que atinge e a sua movimentação rapida pelo que se torna duma grande utilidade nos casos de sinistro em que vai ser empregada sempre que da Companhia de Bombeiros sejam solicitados socorros.

Congratulando-nos com a aquisição feita pelos intrepidos membros dêsse corpo humanitario aveirense, que, finalmente, conseguiu vêr entre o seu material aquilo a que tanto aspirava, restanos felicital-o e á casa Carl Metz que, não ha duvida, se esmerou em fornecer para esta cidade um trabalho á altura dos créditos de que gosa como casa construtora de toda a especie de utencilios empregados pelas corporações de bombeiros.

A amnistia

O govêrno deve apresentar hoje ao Parlamento uma proposta de amnistia para os presos politicos aprovada em conselho de ministros e segundo a qual é concedida amnistia plena e completa a todos os individuos já condenados ou presos ainda sem julgamento, por crimes politicos ou delictos referentes a reivindicações sociaes, excepto aos que tenham sido dirigentes desses crimes ou delictos, os quaes serão expulsos do país.

Para o apuramento da classificação de dirigente proceder-se-á da seguinte fórma: A comissão prisional examinará os procéssos dos individuos já condenados; e pelos elementos que deles constam indicará quaes os réus que devem ser expulsos e aqueles a quem deve conceder-se compléta libertação.

Os individuos pertencentes á segunda categoría, isto é, que se acham presos, mas ainda não foram julgados, serão todos, sem excepção, postos em liberdade, imediatamente á promulgação da amnistia, mas sem prejuizo de seguimento dos respectivos procéssos, até final, para que, em face do resultado desses procéssos, se possa aplicar-lhes a categoría de dirigentes ou não, para o efeito da subsequente expulsão daqueles ou completa libertação destes.

O CARNAVAL

Em Oliveira de Azemeis, linda vila situada ao nascente do nosso distrito e servida pelo caminho de ferro do Vale do Vouga, haverá este ano, ao que nos dizem, importantes divertimentos carnavalescos, a principiar no *domingo gordo*, estando projectados além de vistosos cortejos, outros numeros sensacionaes, proprios da época, com colaboração variada, cheia de graça, bom humor e outros atrativos que os promotores não dizem e estão no seu direito...

Pelo programa que temos presente, a festa vai ser de arromba. Pois que se divirtam os oliveirenses que nós tambem nos havemos de divertir—*se Deus quizér*—mas hade ser ali no tradicional *batuque* do teatro, a vêr, que para outra coisa já nos não pucha a inclinação e a edade.

E' certo que ha outros mais velhos...

Documentos para a historia da ultima crise

Correspondencia trocada entre o chefe do Estado e os representantes do govêrno e dos partidos politicos

Ex.mos Srs. Drs. Afonso Costa, Antonio José de Almeida e Manuel Brito Camacho, meus presados amigos:

Pela marcha que as paixões sectaristas estão imprimindo á politica portugueza, vejo, com magua, que nos afastamos do ideal democratico que inspirou a mais bela revolução realisada até hoje na Terra pelo mais amoroso dos povos—a de 5 de Outubro de 1910.

E' necessario pôr treguas, e quanto antes, a estes conflictos partidarios, quasi pessoaes, explorados pelos nossos adversarios com inflexivel pertinacia e invejavel disciplina.

Assisto a tudo isto com o coração torturado e com a alma entenebrecida.

Eu, por mim, dentro da Constituição de onde deriva o meu poder, lei que devo acatar, nada posso fazer para levar remedio a males que todos sentimos e lamentamos.

Como chefe de Estado não me cabe fazer observar o estricto cumprimento das leis, porquanto essa prerogativa pertence privativamente ao Congresso da Republica nos termos do art. 26.º, n.º 2.

As minhas atribuições estão expressamente indicadas no art. 47.º e seus numeros. O compromisso que eu tomei solénemente perante o Congresso, foi o de manter e cumprir com lealdade e fidelidade a Constituição da Republica, observar as leis, promover o bem geral da Nação, sustentar e defender a integridade e independencia da Patria, (art. 43.º).

Não posso, pelo citado art. 47.º, nomear e demitir livremente os ministros; tenho de o fazer seguindo as indicações parlamentares que me fôrem dadas, sob pena de fabricar ministerios que o Congresso, na sua alta soberania, póde destruir num momento para outro.

Todas as minhas deliberações, se não forem referendadas pelos respectivos ministros, são nulas de pleno direito, não poderão ter execução e ninguem lhes deverá obediencia. (Art. 49.º).

Se se levantar um conflicto grave entre o Poder Executivo e o Congresso, o chefe do Estado não póde em caso algum dissolver o Parlamento, porquanto nas atribuições acima referidas, não lhe é dada essa faculdade e estão por lei marcados os prasos da duração das duas câmaras.

O chefe de Estado, acima e fóra das paixões politicas, na região serena e luminosa das leis, tem de aguardar que da função harmonica dos poderes e do natural bom senso dos homens que servem a Republica e a Patria, surja o remedio de que todos carecemos.

Néstas circunstancias dificeis, que fazer?! Apelar para o vosso amôr á Republica, para os vossos talentos, virtudes e saber a que se deve, em grande parte, o salvamento da Patria do abismo para que a impeliam os representantes e servidores do regimen extincto deposto.

Recorrendo aos vossos bons oficios, tenho a honra de propôr-vos o seguinte:

1.º Que até ao proximo acto eleitoral se dêem treguas ás paixões politicas que aparentemente dividem os partidos e os homens, quando eu sei que são todos solidarios e dedicados em bem servirem a Patria e a Republica.

2.º Que durante este periodo de acalmação consigam do Congresso auctorisação para se nomear um govêrno extra-partidario que proceda á discussão do orçamento do Estado, á revisão da lei da Separação, a uma anistia ampla para os crimes politicos e presida ao acto eleitoral para ser garantida a genuidade de voto, segundo o acôrdo comum.

3.º Que, se na vossa sã consciencia vos convencerdes que não é praticavel o que vos proponho, então que me substituam por outro que tenha mais aptidões e melhores faculdades para bem desempenhar o seu nobre mandato.

Desde que eu tenha a certeza de que a minha substituição não traz prejuizos á nossa Republica e á Patria, que estremecemos, deporei reconhecido nas mãos do Congresso o Poder com que muito me distinguiu e honrou.

Só por este meio eu poderei passar os poucos dias que me restam de vida no remanso do meu lar, na paz da minha consciencia, no convivio da Natureza, do Povo, dos bons e dos simples que creem, como eu, no ideal supremo do destino humano, que se encaminha, atravez de inumeros desmentidos e dolorosas provações, para a espiritualisação da Terra, a humanisação das cousas e dos brutos a extincção da miseria e glorificação dos homens.

Néstas crenças tenho vivido, com élas desejo morrer.

Peço-vos uma resposta por escrito, para eu saber com que posso contar e o que devo fazer.

Saude e fraternidade.

Paço de Belem, 24 de janeiro de 1914.

(a) **Manuel de Arriaga**

RESPOSTA DO SR. DR. AFONSO COSTA

Ex.mo Sr. Presidente da Republica:

Tendo V. Ex.ª persistido no proposito de enviar aos representantes dos partidos politicos, contra o voto expresso do govêrno, a carta ou mensagem, cujo projecto fôra já apreciado pelo conselho de ministros em sua sessão extraordinária de 24 de janeiro preterito, julgava-me desobrigado da necessidade de confirmar perante V. Ex.ª, como membro do Partido Republicano Português, o que na moção do conselho de ministros, e portanto em legitima representação do mesmo partido, já tinha declarado respeitosamente a V. Ex.ª. Essa mensagem não devia ter sido expedida, e já que o foi, deve conservar-se reservada por conter materia inconstitucional. A função presidencial deve neste momento restringir-se á nomeação de um novo ministério, que corresponda ás indicações constitucionaes, e ao qual caberá, exclusivamente, formular o seu programa que só o Congresso tem competencia para aprovar ou reigeitar. Dentro destes limites o Partido Republicano Português continua, como sempre tem estado, á disposição da Patria e da Republica.

Com os mais respeitosos cumprimentos, desejo a V. Ex.ª, Senhor Presidente da Republica,

Saude e Fraternidade.

Lisboa, 4 de fevereiro de 1914.

(a) **Afonso Costa**

RESPOSTA DO SR. DR. BRITO CAMACHO

Senhor Presidente:

O partido a que tenho a honra de pertencer, e em cujo nome respondo á mensagem de V. Ex.ª, constituiu-se para servir a Republica, e já adquiriu o pleno direito de afirmar que se outros a teem servido com mais inteligencia, ninguem o tem feito com maior dedicação e propositos menos interesseiros. Os homens de mais destaque nêste partido, conhece-os V. Ex.ª desde os asperos e dilatados tempos da propaganda republicana, e encontrou-os a seu lado quando foi necessario escolher o melhor dentre os bons para a Presidencia da Republica.

Isto quer dizer, Senhor Presidente, que nunca o Chefe do Estado apelará baldadamente para a União Republicana, porquanto sendo a rigorosa sintese do seu programa servir a Republica, o mais alto objectivo da sua actividade é promover a felicidade da Nação.

Ponderando as circunstancias de momento, excepcionalmente gráve, preconisa V. Ex.ª um ministério extra-partidario, o qual, formado com o assentimento de todos, realisaria este programa—a discussão do orçamento do Estado, revisão da lei da Separação, uma amnistia ampla para os crimes politicos, e eleições geraes, garantindo a genuidade do voto.

A União Republicana dará o seu apoio, franco e leal, como é do seu dever, a um tal ministério, em cujo programa V. Ex.ª não inclue, porque isso seria pleonastico, aquélas providencias que ao primeiro parlamento da Republica incumbe elaborar, por disposição constitucional, bem como o restabelecimento da mais stricta legalidade, pelo exacto cumprimento do que as leis estatuem, tanto as leis ordinarias como a lei fundamental, e não tenha sido observada com o devido respeito. Que êle se forme, e a União Republicana, considerando-o como um amigo, a quem tudo se deve, consideral-o-ha ao mesmo tempo como um adversário, a quem nada se pede.

Apraz-nos acreditar, Senhor Presidente, que V. Ex.ª encontrará em todos a mesma boa vontade que encontra na União Republicana para o ajudarem a vencer uma dificuldade momentosa, mas de fórma alguma insuperavel. Por isso me dispenso de considerar aquéla parte da mensagem em que V. Ex.ª oferece a sua renuncia, no caso de ser impossivel um acôrdo entre os agrupamentos politicos para a satisfatoria resolução da crise ministerial, que ao Chefe do Estado compete resolver. Esse oferecimento de renuncia, se fôsse aceite, inutil como afirmação de nobreza de caracter por banda dum homem cuja vida inteira é uma acção nobre, seria um golpe tremendo na Republica, porque afirmaria a sua falta de consistencia, a sua incapacidade para viver como regimen de opinião consciente, correspondendo aos mais intimos sentimentos e ás mais largas aspirações da alma nacional.

Tal é, senhor Presidente, a resposta que me cumpre dar á mensagem que V. Ex.ª me dirigiu, e que só formulei depois de ouvir, a este respeito, os meus amigos politicos, que são membros do Parlamento. Arredada a hipotese, absolutamente inaceitavel, dum ministério da esquerda, ás oposições competeria formar govêrno, e para que êle tivésse uma acção proficua e uma vida desafogada, bastaria que os parlamentares democraticos tivéssem para com êle, em nome dos superiores interesses da Republica e da Nação, o procedimento que tivéram os parlamentares unionistas para com o ministério da presidencia do sr. Afonso Costa.

V. Ex.ª, porém, não me consultou sobre o modo de resolver a crise, mas tão sómente sobre o acolhimento que eu faria, em nome da União Republicana, á resolução por V. Ex.ª proposta, e a isso eu respondi nos termos acima expostos.

Saude e Fraternidade.

Lisboa, 31 de janeiro de 1914.

(a) **Manuel de Brito Camacho**

RESPOSTA DO SR. DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

Sr. Presidente da Republica:

Tenho a honra de responder á mensagem de V. Ex.ª com data de 24 do corrente mez e faço-o depois de ouvir os meus amigos politicos que devidamente consultei.

Nessa mensagem pergunta-me V. Ex.ª se o partido evolucionista está resolvido a dar-lhe assentimento e apoio para a formação de um ministério extra-partidário cujo fim será, além, é claro, da elaboração das leis que a Constituição determina, a discussão do orçamento do Estado, a revisão da Lei da Separação, a promulgação de uma ampla amnistia para os delitos politicos e a fiscalisação com compléta neutralidade do proximo acto eleitoral, subintendendo-se para este ultimo ponto a votação de uma lei eleitoral honésta e uma justa divisão de circulos.

Afigura-se-me a formação deste ministério tão dificil que chego a consideral-a uma generosa utopia, insusceptivel de realisação, mas se V. Ex.ª conseguir organisal-o, e ele se mantiver no terreno estrictamente neutral, não lhe faltará a leal e desinteressada cooperação de um partido cujo unico objectivo é bem servir a Patria e a Republica.

Aproveito a ocasião para dizer a V. Ex.ª que os meus amigos politicos repelem por compléto a ideia de um novo ministério democrático, assim como afirmam o seu legitimo direito de governar e sobretudo de governar para cumprir o programa que V. Ex.ª, em sua consciencia de chefe de Estado, entende ser, neste momento, o mais apropriado para a pacificação e conciliação da sociedade portuguêsa e como tal o exarou na sua mensagem.

Não ignora V. Ex.ª que o partido evolucionista, inicialmente constituido por velhos e dedicados republicanos, muitos dos quaes foram autenticos herois do 5 de outubro, faz da integração da nação na Republica um dos fundamentos do seu programa e não olvida decérto V. Ex.ª que ele tem sustentado com singular desassombro e atravez de várias vicissitudes os principios essenciaes do programa politico que V. Ex.ª agora apresenta, isto é a revisão da lei da Separação e uma ampla amnistia.

Ninguem, pois, mais nos casos do que os evolucionistas para neste momento executarem um programa, que, por eles cumprido, não podia ser tomado á conta de transigencia excessiva e muito menos de capitulação perante forças adversas.

Igualmente é do conhecimento de V. Ex.ª que atualmente o Partido Evolucionista se encontra ligado á União Republicana e aos parlamentares independentes, formando a Cunjunção Republicana, que se afirma uma força de govêrno.

Terminando, faço meu o sentir do Partido Evolucionista, a que tenho a honra de presidir, e cumpro o dever patriotico de dizer a V. Ex.ª que é de todo o ponto inaceitavel a sua renuncia como Chefe do Estado. V. Ex.ª não póde nem deve como legitimo representante da nação ceder a imposições de qualquer ordem, e, visto que tem junto de si homens que se prontificam a governar de harmonia com o sentir geral da nação, que é tambem o de V. Ex.ª, inadmissivel é a ideia de V. Ex.ª se ausentar do seu cargo para cabal desempenho do qual, lhe não faltam auxiliares e colaboradores.

Saude e Fraternidade.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1914.

(a) **Antonio José de Almeida**

Falencia

Tendo sido declarado falido, por sentença do tribunal désta comarca, o negociante da Palhaça sr. Manuel de Mélo, foram agora publicados éditos de 30 dias a citar todos os credores do mesmo para, dentro daquêle praso, fazerem a reclamação dos seus creditos no Tribunal do Comercio, instruindo-a com os documentos comprovativos dêles.

O administrador da massa falida é o sr. Albino Pinto de Miranda, comerciante morador em Aveiro.

Teatro Aveirense

Promete ser animadissima este ano a época carnavalesca nésta casa de espectaculos, começando no proximo dia 20 e 21 por duas récitas em que uma explendida Companhia de Variedades, apresentará numeros de verdadeira sensação. Entre êles desde já podemos garantir a vinda do célebre transformista **Guells**, o mais notavel artista hespanhol do genero; **The Freeds** os maravilhosos ciclistas comicos que tanto sucesso causaram no Coliseu dos Recreios em Lisboa e atualmente no Sá da Bandeira do Porto; **Pepita Saez**, gentilissima coupletista madrilena, cujo reportorio tem feito grande exito no Nacional, e ainda **Las tres Rubias**, formosa *pareja* de bailes, cujo sucesso é notorio.

Os bilhetes estão já á venda na Tabacaria Reis, aos Arcos, sabendo nós, que têm tido muita procura.

Atravez do Brazil

A's portas da fome!---O que diz a imprensa sobre a horrorosa situação financeira, comercial e industrial, em que o Brazil atualmente se debate

Para mostrar em como é gràve, gravissima, a actual situação brazileira para o emigrante, basta simplesmente lançar-se mão da imprensa désta terra.

E' éla propria que, dia a dia, consecutivamente, desenha e fáz correr mundo, quadros tristissimos como o que segue.

Não é, como á primeira vista poderá parecer aos mais céticos, um quadro desenhado por nós outros, portuguêses, que por aqui andamos á mercê do acaso, não sem nos lembrarmos muitas das vezes daquêle belo soneto de Ribeiro de Carvalho:

Antes ser desgraçado em nossa terra,
do que em terra alheia ser feliz.

O quadro que segue, é bem ilucidativo, e pertence ao jornal carióca *A Noite*, de 14 de Janeiro.

Eil-o:

«Estrangeiro qualquer que desembarcasse domingo passado na nossa cidade, e assistisse á batalha de confeti na Avenida Rio Branco, julgar-nos-ia o povo mais feliz dêste planeta e o Rio, a cidade mais bafejada pela deusa da Felicidade.

Para isso seria necessario que êle desconhecesse a horrorosa situação financeira, comercial e industrial, em que o país se debate.

No caso contrario, isto é, se êle fôsse sabedor disso e mais ainda que esse estado de cousas era um produto da corrução e desonestidade dos politicos que infelicitam esta terra, o julgamento seria outro.

. . . .

Os empregados do comercio, operarios e outros trabalhadores, bem ou mal, vão sendo sustentados pelos seus patrões. No fim de cada mez ou da quinzena recebem os seus salarios. Negociantes e industriaes vêm ha longos mezes sustentando uma luta titanica para não fecharem os seus negocios, as suas fabricas.

E' uma situação lenta de agonia. O seu desfecho será terrivel!

No dia em que as fabricas e casas comerciaes tivérem de **cerrar as suas portas, despedindo milhares de homens e mulheres, que acção desesperadora tentará toda essa gente para não morrer á fome!**

. . . .

E o govêrno? Que é que faz?

E o Congresso? Que é que se póde esperar de um Congresso, cujos membros são escolhidos a dêdo, para legalisar todos os crimes e atentados, quer êles sejam praticados contra a Patria, como o bombardeio de Manáus e Bahia, quer contra o direito, a justiça e a humanidade, como os assassinatos do *Satelite* e Ilha das Cobras?

A nossa situação é essa; para desmentil-a ou confirmal-a, temos procurado os que trabalham, negociantes e industriaes, pois ninguem melhor para nos orientar.

Sobre as fabricas de tecidos, já aqui temos exposto por várias vezes a sua critica situação. Hoje procurámos saber entre constructores, donos de várias pedreiras, se a crise se tem feito sentir nêssa industria.

O primeiro a quem fô nos têve logo um gesto de desanimo.

—Veja o senhor! Eu tinha aqui trabalhando uns **80 operarios.** Actualmente conservo **dez.** Para a semana vou despedil-os a todos. Não ha trabalho. Ninguem paga. Eu forneci pedra a certos empreiteiros de obras da Prefeitura. Esta atrasou-se nos seus pagamentos. O resultado foi não me pagarem tambem a mim. Assim, que vou fazer? Fechar! Pois se até as construcções particulares estão paradas!

Para que o senhor possa avaliar bem a situação afiictiva a que estâmos reduzidos, basta dizer-lhe que ninguem mais quer trabalhar fiado para o govêrno.

A Municipalidade ha tres ou quatro mezes para cá vem publicando editaes, chamando concorrentes para obras de calçamento e meio fio. A primoira é de 50.000 metros e a segunda de 20.000 metros.

As duas importam em perto de 660 contos de réis.

Não aparece um só concorrente! A Prefeitura já publicou inutilmente esses editaes, *tres ou quatro vezes!*

Como é que se vae fazer um serviço, quando se sabe de antemão que êle não será pago?

Fômos a outro. A mesma situação. Em quasi todas as pedreiras não ha mais aquêle movimento intenso e febril. Ha um grande socego biblico. Tudo é bucolico. Bois e burros apascentam ao longo das enormes pedras que, arrancadas violentamente á montanha, para ali jazem, num cruel abandono.

Em redor, os operarios, canteiros, cabouqueiros e carroceiros, **comentam a falta de trabalho e o dia terrivel de ámanhã, em que êles não sabem o que terão de fazer, quando se lhes acabar o ultimo vintem.**

O dono déssa pedreira diz-nos que deve haver uns **1.000 operarios,** déssa industria, **desempregados.**

A Prefeitura vae ter um grande decrescimento na sua renda Este ano não serão tiradas licenças para umas **500** ou **600 carroças.**

—Mas então não ha serviço?—perguntâmos.

—**Nenhum.** As carroças estão aí, atiradas ao alto. Vou arrumal-as, **fechar as portas** e esperar que o govêrno me pague para reabril-as.

Na pedreira de Cid Loureiro & C.ª, á rua da Assumpção, uma das mais importantes empresas déssa industria, a situação é igual. O gerente déssa firma diz-nos que já teve ali trabalhando **800 homens. Hoje esse numero está reduzido a 100. E é provavel que para o fim do mez tenha que despedir mais gente.**

Nas outras pedreiras, de Antonio Alves de Souza Junior, Dr. Lafayete Pereira, Penetra & Moreira, Manuel Antonio dos Santos & C.ª, Manuel Silva, Henrique Espirito Santo, Amorim & C.ª, Manuel Domingues & C.ª, José da Rocha Moreira e outros mais, **o trabalho foi reduzido a muito menos de metade, tendo sido despedidas de todas essas casas levas imensas de operarios.**

—Como vivem actualmente esses homens?—perguntámos ainda.

—**Por aí, aos grupos... na maior das miserias...**

E aí está, num rapido resumo, **o aspecto geral da situação angustiosissima de toda a gente** que, aguilhoada pela **fome que nos ameaça,** certamente perderá as qualidades de paciencia e doçura que caracterisam o nosso povo!»

Como veem, a crise, que atinge todas as classes, continúa e tende agravar-se duma fórma bem assustadora.

Mas não é só *A Noite,* a noctivaga folha que tanto tem desprestigiado as nossas coisas e os nossos homens mais representativos, que comenta e desenha *o aspecto geral da situação angustiosissima de toda a gente que aguilhoada pela* **fome que nos ameaça,** *certamente perderá as qualidades de paciencia e doçura que caracterisqm o povo brazileiro...*

Tambem *O Paiz*, o grande diário que está sempre pronto a defender os portuguêses e as nossas novas instituições dos ataques de certas creaturas que sofrem de lusofobia agúda, trata do mesmo assunto désta fórma:

«Em um país que não fôsse o Brazil, o que se passa actualmente, com relação ao carnaval, ninguem ligaria importancia.

O operariado e o povo se estorcem nas garras da fome e da miseria; milhares de homens uteis não tem trabalho para prover a subsistencia dos que lhes são cáros; emprezas poderosas quebram, **deixando de pagar os salarios aos seus operarios,** alegando que o govêrno não lhes paga; as fabricas **diminuem o trabalho, reduzindo os operarios,** e o pouco que trabalha mal basta para as primeiras necessidades da vida; todos se queixam da situação, que é má, que o Tesonro está vasio, os bancos retraidos, o Brazil sem crédito, falido, e, no meio de tudo isso, não cessa uma parte da imprensa de insistir com o govêrno para que não deixe morrer o carnaval, a festa popular!

Em que país, em que mundo estâmos?»

Quérem mais e melhor?

Pois bem, aí vai. E' o *Diario Popular*, de S. Paulo, que se *atréve* a atacar com vigôr a medida injusta do chefe de policia daquêle Estado por ter impedido que na praça do Rosario estacionasse uma multidão de trabalhadores, a maior parte dêles portuguêses recem-chegados, que, todos os dias, ali aguardam a saida do referido jornal para vêr se encontram resposta aos seus anuncios de solicitação de emprego.

Leiam:

«Repare-se néssa gente que procura trabalho, e notar-se-á que *90 por cento são estrangeiros,* isto é, braço importado por São Paulo para servir na lavoura, mas que não sendo apto para o trabalho da terra, porque foi trazido das capitaes européas e das cidades maritimas do velho mundo depressa deixam do interior as fazendas, e vêm para a capital.

E' déssa pobre gente, que não póde usar casaca, luva e bota de verniz, é dêsses milhares de estrangeiros que procuram honestamente trabalhar, tendo para isso de recorrer á secção de anuncios do nosso jornal—é déssa pobre gente, diziamos, que o sr. secretário da Justiça e Segurança Publica vindo pessoalmente á praça Antonio Prado vêl-a, têve um movimento de repugnancia, sentiu os cabelos eriçarem-se-lhe, quando notou o contraste entre aquêle mundo de labutadores pela vida e a sociedade chic e elegante do seu meio.

Mas, se ha crise de trabalho, se o braço que se arrebanha na Europa ocidental não é apto, páre-se com o serviço de emigração, para não se afeiar a capital do Estado com essa aglomeração de gente pobre que procura trabalho. *Ainda não ha muito tempo que nos procuraram algumas dezenas de portuguezes declarando terem sido engajados em Lisboa e Porto para a Força Publica de São Paulo, e que chegando aqui os queriam mandar para o interior, dar-lhe colocação diferente.* Esses magotes de homens aí andam parambulando pelas ruas. Fômos nós proprios que levamos ao conhecimento do govêrno a necessidade de repatriar éssa gente. E como éssa, quasi tudo é o que estacionava na praça Antonio Prado.»

Que pense nisto o govêrno português e a nossa imprensa que cumpra o seu devêr—levantando a mais séria campanha contra a emigração, na presente conjuntura, para o Brazil, sem se importar com os protéstos funambulescos da imprensa brazileira, mormente déssa que se julga no direito de só éla dizer a verdade dos factos, não permitindo que outros a digam...

Porque contra factos não ha, não póde haver argumentos.

Além disso temos interesses a defender e vidas a poupar.

Ora, pois.

Rio de Janeiro.

J. Feraandes Tavares

JOAQUIM REI NETO

—=(*)=—

Apesar da chuva torrencial que durante quasi todo o dia de domingo caíu, sempre foi levada a efeito a projectada manifestação junto da campa do desditoso republicano, ha um ano falecido em Arada, Joaquim Rei Néto, provando assim os seus amigos, conterraneos e correligionários o quanto ainda é vivida a saudade que na terra deixou, pelas suas virtudes, pelo seu caracter, pelo seu acrisolado amôr á causa da democracia em que tanto se empenhou e pela qual tantos sacrificios lhe deu, trabalhando para o seu triunfo.

Pouco depois das 16 horas organisou-se em frente ao *Centro Republicano de Arada* um cortejo composto de algumas desênas de amigos de Joaquim Rei Neto e que, fazendo-se preceder da banda dos Bombeiros Voluntários, foi até ao cemitério do Outeirinho, com precurso pela estrada de Verdemilho, onde depositou inumeros ramos de flores, que, por completo, cobriram o coval do malogrado fundador do Centro de Arada, agremiação que os republicanos do logar ainda sustentam e de cujos socios, especialmente os srs. Joaquim Fernandes Martins e Francisco Pereira de Melo, saíu a ideia da manifestação que só não foi imponente por o mau tempo a isso se opôr.

Uma vez deante da campa de Joaquim Rei Neto, o nosso director, usando da palavra, poz em relevo as qualidades do saudoso extinto incitando todos os que o escutavam a seguir-lhe o exemplo, como cidadãos e como politicos. Lembrou ainda a dedicação com que Joaquim Rei Neto se devotava aos trabalhos que precederam a revolução de Outubro terminando por salientar que quem tantas provas deu de civismo e amor patrio bem merece que lhe honrem e perpétuem a memoria.

Uma bátega de agua caía então com certa impetuosidade, mas não obstante isso ainda o sr. dr. Nordeste disse algumas palavras em nome do *Centro Escolar Republicano de Aveiro,* que, com alguns membros da direcção, ali representava, seguindo-se-lhe o nosso amigo José Pinheiro Palpista de quem Rei Neto fôra companheiro e que por isso lhe dedicou tambem palavras repassadas da mais intima saudade.

Perto da noite dava-se por finda a manifestação retirando todos os amigos de Joaquim Rei Neto do cemitério, complétamente enxarcados, mas com a convicção intima do dever cumprido.

Comissão distrital

Sob a presidencia do sr. dr. Marques da Costa, secretariado por Arnaldo Ribeiro e com a presença dos vogaes dr. Elisio Sucena, dr. Samuel Maia e Elisio Feio, efectuou no sábado a sua reunião semanal a comissão executiva da Junta Distrital.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi presente um oficio do govêrno civil acompanhando a remessa de contas de irmandades.

A seguir pelo cidadão presidente foi dada conta duma circular enviada ás câmaras do distrito pedindo a sua adesão para a representação da Comissão Distrital ao ministério da guerra afim de ser mantida a feira de remonta com principio em 25 de março.

Fixou-se o numero de creanças que deve existir em cada secção do asilo escola, e que não póde ir além de 80 rapazes e 40 raparigas;

resolveu-se isolar da secção feminina uma internada por virtude da doença contagiosa de que sofre;

deferiu vários requerimentos para a entrada no asilo de alguns necessitados, mas só quando houvér vaga relativa ao concelho a que pertencem;

resolveu instar junto do govêrno para que seja creada o mais rapidamente possivel a guarda republicana no distrito;

autorisou alguns pagamentos e foram distribuidas várias contas de irmandades, sendo em seguida encerrada a sessão.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

O COMICIO MONSTRO

—=(*)=—

Foi assim designado pelos miseraveis que em Londres o organisaram, empenhando-se com denodado esforço para que nessa tipica reunião, a sua Patria fosse bem enxovalhada e não menos caluniada.

Pagaram por bom preço despachos telegraficos que as agencias menos escrupulosas não tivéram duvida em espalhar afirmando, até, que se notava *cérta agitação nos centros politicos* ocasionada pelo famoso *meeting!*

Apesar de toda a bôa vontade, em contrário, dos traiçoeiros portuguêses, o primeiro orador principiou por declarar que *daquela reunião não resultaría, por cérto, a intervenção do govêrno inglez na administração interna nem de Portugal nem doutro país.*

Posto que estas palavras significarem o alcance do *monstruoso* comicio, noticias oficiaes transmitidas pelo nosso representante em Londres ao ministro dos estrangeiros dão a nota esclarecida e final do que foi e do que valeu a famosa reunião organisada pelos monarquicos com a duqueza de Bedford e o esguio sr. Gibbs á frente.

As informações a que aludimos resumem-se nisto: em primeiro logar o comicio foi por convites e á porta fechada — precaução destinada a evitar que lá aparecesse alguem a discordar das afirmações dos oradores. Por outro lado a assistencia, laboriosamente descriminada por creatura de absoluta confiança, resumiu-se a 150 ouvintes.

Contudo nada impediu que todos os miseraveis batessem as palmas pela realisação da *patriotica* ideia.

Até aqui, alguns deles, não esconderam a sua infinita satisfação porque lá fóra, gente estrangeira, por vários interesses e propositos vomitasse entre arrotos de *roast beef* e baforadas de *grog*, injurias e calunias sobre a Patria portuguêsa!

A obra do govêrno dr. Afonso Costa

Pela nota que este Gremio fez recentemente publicar na imprensa, ficou demonstrado que o govêrno dr. Afonso Costa, conseguiu não só equilibrar o orçamento de 1913-1914 *cujo deficit era computado em* **8.464.139$** como ainda fez desaparecer esse *deficit* e em 30 de Junho do ano findo anunciou na Câmara dos Deputados um **superavit de 967 contos.**

A oposição evolucionista, não será de maís repetil-o, recebeu essa comunicação que deveria encher de orgulho todo o português não abastardado—á pateada!

Em nove mezes de govêrno, conseguiu o dr. Afonso Costa diminuir a divida pública em **6:710 contos,** se tomarmos em conta o ágio do ouro à taxa média de 12 0|0 e além disso não contraíu um unico emprestimo e não pediu ao Banco de Portugal qualquer suprimento, *antes lhe pagou* **4:200 contos**—dos quaes 1:700 contos foram ainda ontem entregues. Por essa fórma reduziu ainda mais a divida pública, resgatando titulos valiosos que estavam servindo de caução.

Reduziu ainda o govêrno dr. Afonso Costa **1.642:793 Lb. á divida flutuante externa** que está atualmente em *Lb. 742:000, quantia esta que deverá caber nas disponibilidades de ouro já existentes e a realizar até 30 de Setembro proximo, a continuar o plano do grande Ministro das Finanças dr. Afonso Costa.*

Mercê de tão honrada, inteligente e patriotica administração, subiu consideravelmente o valor dos papeis do Estado, aumentando assim a riqueza publica e particular.

Pódem os ineptos, por mais intelectuaes que se afirmem, declarar que *nunca foram* os deficits *ou* superavits *que decidiram dos destinos de um govêrno ou de um partido;* pódem por seu turno continuar chasqueando dos *superavits* aqueles que anunciaram na Câmara dos Deputados o equilibrio orçamental *lá para as kalendas gregas* ou *para quando as galinhas tivéssem dentes.*

Sim, pódem todos esses pretensos estadistas e patriotas continuar a manifestar os seus despeitos, os seus ódios e a sua inepcia para o govêrno, porque o povo português, e sobretudo aqueles que teem que perder, não deixarão de recordar que um homem houve que conseguiu fazer com a sua indomável energia o que os seus adversários consideravam um impossivel.

Porque, pois, tão desleal e tão cafreana guerra ao govêrno dr. Afonso Costa? Ah! porque os seus adversários, atordoados com o resultado das ultimas eleições, perderam a cabeça e não se lembram sequer que ha uma consciencia nacional que proclama hoje o nome do dr. Afonso Costa como o de um benemérito da Patria!

E senão, em breves mezes as urnas o dirão.

Porto, 6 de Fevereiro de 1914.

O Grémio Republicano do Norte

PROTESTO

—=(*)=—

São do orgão da colonia portuguêsa, *A Rotunda*, que se publíca em Shanghae, (Republica Chinêsa) as seguintes linhas:

«Tendo em alta consideração o que a respeito do sr. Francisco da Silva Rocha, *O Democrata*, de Aveiro, nosso distintissimo confrade, tem publicado, apontando como deshonrosa a continuação desse cavalheiro no professorado supra-numerario do Liceu de Aveiro, *A Rotunda* pede tambem ao Govêrno Central haja por bem determinar que o sr. Rocha seja imediatamente demitido do cargo que exerce, para honra das instituições.

O Partido Republicano Português não póde de fórma alguma tolerar que estejam ao serviço do govêrno, aqueles que outr'ora atacaram vilmente o ideal sublime, que garante hoje a estabilidade da Republica.

Pedimos, pois, providencias.»

Não se cance, coléga; é bradar no desérto. A Republica Portuguêsa pelo caminho que leva está aqui está a pedir outra revolução para que sejam expurgados os elementos deletérios que a corrompem e então as coisas publicas correrão melhor do que teem corrido até hoje.

Porque a verdade é esta: não tem havido escrupulos de nenhuma especie da parte de alguns republicanos em aceitar adesões, que, longe de honrarem a Republica e os partidos politicos que dentro dela se constituiram, tudo pervertem sem outras vantagens mais do que inutilisar a obra grandiosa de 5 de Outubro.

Pagina de amor

Afinal sempre apareceram, não nos arrabaldes de Aveiro, mas no Porto, os dois namorados a que nos referimos no numero passado tendo dado com êles hospedados no hotel de S. Romão a policia daquéla cidade a quem foi solicitada a prisão dos fugitivos apenas se soube do seu desaparecimento.

Por agora ficou, ao que nos dizem, nêste pé a aventura amorosa: a menina Olimpia Sergio foi entregue a um seu irmão, que vive no norte, e o seu raptor, sr. Eurico Meiréles, recolheu á cadeia, isto, é claro, enquanto não passam os momentos de natural excitação de que deve estar possuida a familia de Olimpia para que esta céda de amor tenha o mesmo desfecho doutras, ou seja a união dos dois corações à face da lei, como está naturalmente indicado.

Desastre

Quando na ultima sexta-feira conduzia uma junta de bois para as suas propriedades, sucedeu ser atingida por um deles, que contra ela investiu, ficando bastante maltratada, a esposa do sr. Manuel Ferreira Borralho, abastado lavrador do visinho logar e freguezia das Aradas.

Apesar do ferimento produzido na perna direita ser algo extenso, dizem-nos, todavía, não ser gràve o estado da enferma que, contudo, e mercê do abalo sofrido, se acha devéras abatida.

Sentindo o desgosto porque acaba de passar a familia Borralho desejâmos o restabelecimento tão rapido quanto compléto da padecente.

Notas mundanas

Passou ante-outem o aniversário do nosso presado amigo sr. dr. Joaquim de Mélo Freitas, digno secretário geral do govêrno civil.

= Tambem no mesmo dia completou 13 anos, o aluno do liceu desta cidade, Francisco Manuel Simões, filho doutro nosso amigo, o sr. Acacio Simões.

A todos felicitâmos.

= Estivéram em Aveiro os srs. Manuel dos Santos Ferreira, administrador do concelho de Oliveira do Bairro; Adelino Ferreira Pinhal, da Palhaça; dr. Abilio Marques, da Costa do Valado; Claudio José Portugal, de Mamodeiro e dr. Carlos Alberto Ribeiro que de novo acaba de fixar residencia no concelho de Vagos, como medico partidista.

= Partiu para Setubal o sr. José Lopes de Matos, de quem recebemos cumprimentos de despedida.

= Acha-se até ao fim do mez na sua casa de Cacia o sr. Americo de Azevedo.

= Com demora de alguns dias chegou á Quinta do Picado, o alferes-veterinario Antonio Lebre.

= Vimos na rua, já restabe-

lecido da doença que o acometeu, o sr. Domingos Gamelas Junior.

= Pelo seu 10.º aniversário tambem felicitâmos o menino Lutéro, filho mais velho do nosso amigo João Augusto Rosa, digno aspirante dos correios e de sua esposa, que pela interessante creança são estremosos.

= Consorciou-se em Oliveira de Azemeis com a sr.ª D. Aurora Preciosa Guimarães Lemos da Rocha o nosso amigo, sr. Mario Pereira Gandra, digno escrivão-notario em Leiria.

Mil venturas.

Ourivesaria Vilar

Visitámos ha dias este novo estabelecimento da rua José Estevam que entre os modernos que ultimamente se teem aberto nésta cidade, prima pela elegancia e bôa disposição de todos os artigos nele expostos á venda pelo seu proprietario, o nosso amigo sr. Antonio Vilar.

Situada na antiga casa onde por muito tempo esteve instalado o Hotel Central, a *Ourivesaria Vilar*, que tem anexa uma oficina com pessoal habilitadissimo para de pronto satisfazer quaesquer trabalhos que lhe sejam confiados, está nas melhores condições de bem servir o público que lhe dê a preferencia das suas compras, pois além dum variadissimo sortido de objectos do mais fino gosto tem ainda a recomendal-a a longa prática do seu proprietario em assuntos da especialidade que lhe permite prover a todas as exigencias que porventura dimanem da sua clientéla.

Ao nosso bom amigo Antonio Vilar só desejâmos que o futuro lhe compense todas as suas arrojadas iniciativas de homem honésto e trabalhador.

Carta de Africa

=(*)=

Beira, 1 de Janeiro

Longe da mãe Patria, no dia de Natal—*Festa da Familia*—e no dia de hoje, saudoso pela ausencia dos que me são queridos, brilha-me a esperança no momento em que o velho ano termina e o ano novo desponta.

Bom será, que ao lançarmos o ano velho no esquecimento que serve de esconderijo a tudo que desaparece e poucas saudades deixa, marquêmos o 1914 em volta duma auréola de esperanças e a usemos como diadema dos nossos esforços durante o ano que se aproxima.

E' de hoje em deante que vou encetar a minha correspondencia para o muito apreciado jornal *O Democrata*, que de ante-mão dir-lhei, poucas são as novidades que lhe poderei dar pelo meio acanhado em que vivo.

Se existo num meio acanhado é devido á gloriosa Republica Portuguêsa não ter ainda chegado ás colonias e muito especialmente ao territorio administrado pela Companhia de Moçambique que escolheram para receptaculo dos inimigos da joven Republica Portuguêsa.

Em futura correspondencia lhe contarei alguns factos passados nêste rincão africano, que se não são já do seu conhecimento, ficará abismado de tão grande desplante, passados tres anos da implantação da Republica.

* * *

Um grupo de amigos do falecido Antonio Tavares, fiel soldado na defêsa da Republica tanto em Portugal como em Africa, e que a morte seifou a vida para além-tumulo, no dia 28 de Dezembro de 1912, mandaram erigir um mausoleu na sepultura do saudoso extinto.

Esse grupo de amigos foram hoje em romaria á beira da campa, colocar corôas e flores de saudade.

Junto ao mausuleu o cidadão Joaquim Guedes de Pinho, presidente da Associação dos Empregados do Comercio e Industria da Beira, amigo intimo do extinto Tavares, proferiu o seguinte discurso:

«Faltaria a um dos mais sagrados deveres se não viésse nesta romaria de hoje, junto da morada ultima de Antonio Tavares, prestar o meu culto de saudade pela perda de um amigo, dum bom.

Tu Tavares, que na vida, no campo da luta das desegualdades, foste um trabalhador incansavel para a união, para a paz e para a confraternisação da humanidade, hoje mais que nunca é sentida a tua falta para a conciliação da familia portuguêsa, que sendo pequena aqui, vive numa completa desordem. Os amigos que tens neste recanto da terra, que te conheciam a pureza da alma e a bondade do coração, veem com lagrimas de dôr prestar a consagração de que és digno.

Deixas-te-nos ha um ano, para a eterna viagem de alémtumulo, mas fica cérto que não estás esquecido.

Paz á tua alma, saudades deste teu amigo, de todos nós.»

Em seguida todos os amigos passaram em frente do mausoleu comovidos e saudosos.

Meu caro Ribeiro, é possivel que na proxima semana lhe dê algumas noticias da Beira.

Seu amigo etc.

Um oliveirense

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

FEVEREIRO

DIAS	PHARMACIAS
15	BRITO
22	REIS

Serviço de cobrança

Aos nossos presados assinantes de **S. João da Madeira, Cezár, S. Roque e Nogueira do Cravo** a quem ultimamente enviámos á cobrança pelo correio os recibos vencidos ou prestes a vencerem-se, de *O Democrata*, e que viéram devolvidos, rogâmos a especial finêsa de o mais bréve possivel os mandarem satisfazer nésta redacção pelo que lhes ficâmos muito reconhecidos.

Teatro Aveirense

Tendo-me sido solicitado pelo Conselho Fiscal, convoco os srs. Acionistas da Sociedade Construtora e Administrativa do Teatro Aveirense para, reunidos em Assembleia Geral extraordinária, autorisarem a Direcção da Sociedade a proceder, com urgencia, ás obras para ampliação e melhoramento do edificio social, de harmonía com o projecto e orçamento já elaborados, ou com as modificações que nêles se mostrarem necessárias, contraindo um emprestimo até á quantia de doze mil escudos (12:000$00) mediante o juro, condições, cláusulas e pela fórma que entender convenientes, hipotecando mesmo, se lhe fôr exigido, o edificio do Teatro e suas dependencias, podendo adquirir terrenos confinantes e neles edificar, assinando e praticando quanto preciso fôr para os aludidos fins.

Outro sim, e em obediencia ás deliberações da Assembleia Geral ordinária de 1 do corrente, são os ditos srs. Acionistas convocados para, na mesma reunião, deliberarem sobre a refórma dos Estatutos da Sociedade.

A convocada reunião efectuar-se-á no edificio do Teatro, á Praça da Republica, nesta cidade, no dia 25 de fevereiro corrente por 14 horas.

Não comparecendo numero legal, são desde já convocados os srs. Acionistas para uma nova reunião que, para os mesmos fins, se realisará no dito local e hora do dia 22 de março proximo, considerando-se válidas todas as deliberações que, então, forem tomadas, qualquer que seja o numero de Acionistas presentes e o quantitativo do capital representado.

Aveiro, 12 de Fevereiro de 1914.

O Presidente da Assembleia Geral

André dos Reis

Divorcio

Pelo Juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão do quarto oficio—Flamengo, correram seus termos uns autos de acção especial de divorcio em que foi autora D. Maria Amalia Moreira, casada, domestica, moradora na freguezia da Gloria desta cidade, e reu seu marido Luis Gonçalves Moreira, chefe de conservação, atualmente residente em Arouca.

E nesta acção foi decretado o divorcio entre os conjuges, por sentença de quinze do corrente mez, que transitou em julgado.

O que se anuncia para os efeitos legaes, nos termos do artigo dezenove do Decreto de tres de novembro de mil novecentes e dez.

Aveiro, 28 de Janeiro de 1914.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo

Citação-edital

(1.ª publicação)

Por este Juizo de Direito, escrivão Marques, correm éditos de 30 dias a contar da segunda publicação deste anuncio, citando a interessada Rosa Vieira, divorciada, ausente em parte incérta do Brazil, para todos os termos do inventario de ausente a que se procede por obito de seus exsogros João Simões Paredes e mulher Rosaria Ferreira, moradores, que fôram, no Rebôlo, freguezia da Palhaça, em que é cabeça de casal o filho Manuel Simões Paredes.

Artigo 696 § 3.º do Codigo do Processo Civil.

Aveiro, 9 de fevereiro de 1914.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva.